

José Bezerra | Esculturas



curadoria **Tiago Mesquita**





José Bezerra | Esculturas

curadoria | Tiago Mesquita

abertura 16 de junho 19h

GALERIA  ESTAÇÃO



Gato, 2008
Madeira
60 x 24 x 92 cm

José Bezerra

Vilma Eid

A primeira vez que expusemos o José Bezerra, pernambucano do Vale do Catimbau, foi em 2008. De lá para cá temos acompanhado a sua trajetória artística, sempre consistente.

No lugar de onde ele vem nada é fácil, tudo é muito difícil, e acho que só a artesegura a alegria de viver desse homem sempre cheio de vitalidade, pronto para qualquer expressão artística. Toca seu berimbau, compõe suas canções, dança para sua “família”, que são as esculturas fincadas no chão do sítio onde mora.

É da terra que vem a sua inspiração. É da terra, dos troncos que já estavam mortos, que faz renascer as figuras que enxerga antes mesmo de esculpi-las. Sua intervenção é tão sutil e tão transformadora!

Visitá-lo é sempre uma emoção renovada. Ali, naquele lugar onde a natureza é tão bela, fala-se com Deus...

O fato é que Bezerra foi e será sempre um grande artista. Sua intuição, perspicácia, visão criativa fazem dele o que ele nos mostra nesta exposição. Ele é quase um minimalista, qualidade que espero que sempre faça parte da sua obra.

O querido Tiago Mesquita, curador da exposição, aceitou essa missão com alegria. É um dos admiradores do talento de Bezerra.

As obras aqui expostas são todas inéditas. Estamos muito felizes por poder mostrá-las. Espero que vocês fiquem felizes ao vê-las.

Vamos, juntos, curtir.



Gato, 2008
Madeira
60 x 24 x 92 cm

Quatro notas sobre José Bezerra

Tiago Mesquita

1

José Bezerra esculpe em troncos e galhos caídos. Materiais inertes que, de outro jeito, iriam se desfazer. Bezerra, contudo, enxerga nesses ramos tortuosos o formato de animais e outras figuras. É a semelhança com tais figuras que leva o artista a escolher o material. Ele vislumbra algo nos galhos antes mesmo de começar a trabalhar. Aliás, é o que ele enxerga na planta que o faz começar. Assim, a forma não é o fim do processo, mas qualidade do próprio cepo.

Por isso, as incisões não podem tirar o desenho que o material já tem. Bezerra faz pouco; limpa o galho, tira todas as distrações, faz incisões e reforça a aparência de bicho que ele já enxergava. Os entalhes precisam ser mínimos, o suficiente para que o galho tome a feição de animal, sem que deixe de ser lenha.

Como melhor descreve o crítico de arte Rodrigo Naves, Bezerra faz uma “intervenção rude e parcimoniosa”¹ sobre os ramos. São cortes curtos e duros. Esse corte também traz um aspecto quebradiço e irregular à superfície do material. Como se sua pele revelasse que no seu interior muita coisa acontece. Nada ali está pacificado.

Muitas vezes, seu entalhe se confunde com os próprios veios e rachaduras da madeira. Embora pareça bicho, o tronco não perde sua qualidade vegetal. O material de-

caído também não é mais árvore e começa a assumir outro aspecto. O artista figura uma coisa se tornando outra. Nem mais galho, mas ainda não bicho.

2

Não é a primeira vez que a cultura descreve a transformação de vegetal em animal ou vice-versa. Narrativas orais, como as mitologias, contam histórias análogas com animais a tomar a feição de planta, gente convertida em árvore, árvore que se fez bicho.

Nas *Metamorfoses* (c. 8 d. C.) de Ovídio, humano se torna planta, animal e mineral. O autor latino narra o início das coisas a partir da mudança de natureza dos seres. Um dos mitos mais conhecidos do poema, e mais representados pela arte, é o do amor impossível do deus Apolo pela ninfa Dafne. Rejeitado, ele a persegue para declarar o seu amor. A ninfa sente repulsa pela divindade, foge dele. Ao ver-se acossada, pede ao pai que a salve. Ele a transfigura: faz com que ela perca o aspecto de bela ninfa para torná-la um loureiro.²

Quando o poeta descreve a modificação, conta como o corpo suave, arredondado, lúpido em um instante fica cascudo, áspido e bruto. Tudo o que era pele suave se enrijece. Os pés velozes são convertidos em raízes preguiçosas, o calor da pele é substituído pela frieza da madeira, avessa ao contato sensual entre os corpos. A árvore, por fim, consegue fazer da repulsa indiferença.

No mito um organismo vivo se converte em outro. A transformação torna inanimado, rijo e estático um corpo que era descrito como vivaz, macio, cheio de movimento. Algo de vida ali se perde. Na escultura que Gian Lorenzo Bernini fez a partir da narrativa, o volume também perde o viço na medida em que se torna vegetal. O brilho suave do mármore polido é trocado pela pedra bruta a representar o tronco de madeira. A



Sem título, sem data

Madeira

43 x 16 x 17 cm



Coruja, 2008
Madeira
28 x 30 x 26 cm

superfície se esmaece à medida que é sobreposta pelo material ásperto e sem polimento.

O trabalho de José Bezerra, como esse de Bernini, figura um corpo saindo de um estado e indo a outro. Nada, entretanto, poderia ser mais diferente. Na escultura do italiano, embora Dafne ainda tenha a aparéncia de mulher, é coberta por um suave espiralado de casca de árvore que lhe atribui uma natureza híbrida: humana e vegetal. Tudo se dá de modo delicado e ordeiro. A direção em que a madeira cresce é a mesma da torção do corpo da personagem. A escultura imprime um ritmo contínuo.

Para José Bezerra não há suavidade na passagem de um estado a outro. Suas figuras brotam na madeira como se fizessem força para sair. Na verdade, como vegetal, elas brotam ali. Precisam quebrar a semente, deixar de ser o que eram para começar a ser identificadas com outra coisa. O processo não se dá sem dificuldade. Os galhos insinuam as figuras, mas parecem não se confundir com elas. De várias maneiras, mostrase o cerne do trabalho artístico: o material a assumir determinada forma.

3

Nesta exposição, por exemplo, temos pelo menos dois tipos de relação da matéria com a forma. São dois tipos de escultura. O primeiro é o grupo de peças em que a madeira tem um formato que sugere a figura do bicho. Por mais brutas que sejam as madeiras, é inegável a sua semelhança com o pássaro, o gato, o peixe, o tatu. Elas compartilham as mesmas características. São sinuosas como as cobras, têm bico como os pássaros, orelhas como os gatos.

As outras esculturas não têm o corpo com o desenho de algum bicho. A maioria dessas esculturas tem, na base, aspecto de tronco regular. A parte de cima se expande e mostra uma aparéncia mais irregular. A figura sai daí. Como se de uma das extremi-



Sem título, 2013
Madeira
53 x 49 x 52 cm

dades estivesse a sair um bicho. Pode ser a cabeça de um porco que surge na ponta de um toco, um carneiro que tenta sair do cilindro do tronco ou um tatu que se contorce tentando arrastar um pedaço curvo de pau.

Nesse caso, o tronco não tem o mesmo formato que o animal. Partes do seu corpo anunciam-se lá e cá. Ele parece tentar sair de um volume mais regular e compacto com muito esforço. Talvez estes trabalhos sejam apenas a maneira mais visível de mostrar o surgimento das figuras nas esculturas de José Bezerra.

Embora o artista sempre fale da facilidade que tem para encontrar a configuração dos diferentes seres no material, o modo como ele as esculpe mostra esses seres a surgir de maneira tortuosa. Assim, tanto os galhos quanto os bichos adquirem feição selvagem, raivosa. O trabalho fala de bichos que vivem em uma natureza hostil.

4

O índice mais revelador do esforço que os bichos fazem para deixar de ser matéria inerte e se mostrar como figura é atestado pela expressão facial deles. Em um grande número de esculturas, acredito que pela forma dos galhos trabalhados por Bezerra, a cabeça das figuras olha para cima, na diagonal, como se pretendesse se soltar do resto do corpo. A direção comumente é oposta à base do cepo, a figura se posta como se estivesse a encurvá-lo.

Aparecem daí figuras com pescoço tesão, olhos arregalados, se esticando. O focinho é comprido, desproporcional ao resto da cabeça e muito mais fino que o resto do tronco. Em alguns trabalhos, a boca do animal está aberta e denuncia a força que ele faz.

Em um bicho assemelhado a um jacaré, a parte de cima é oposta ao topo do volume. O pé da escultura é grosso, compacto, pesado. A cara do bicho é longa e fina. Não parece

ser possível um bicho sair de lá. Não por acaso, ele tem a aparência desesperada, de quem não vai ser outra coisa senão um volume estático e fossilizado de animal.

Aliás, como esses animais são aparentados com os fósseis! Têm cara de alguém que viu a morte se aproximar, o olhar voltado para lugar nenhum. Por vezes, os animais representados têm mais idade do que a própria madeira. Surgem nelas como a manifestação de uma lembrança de tempos anteriores ao que é antigo.

José Bezerra é do Vale do Catimbau, um lugar em que as marcas do passado vêm de muito longe. Os indícios de uma ocupação remota do território estão nas pinturas rupestres sobre as rochas, nos caminhos gastos e em uma natureza seca, retorcida e bonita. Muita coisa passou por lá, muita gente e muito bicho. Nas imagens, encontramos mais fósseis, reminiscências de um tempo que passou, do que propriamente o presente.

José Bezerra aproveita a natureza do Vale do Catimbau para fazer o seu trabalho. O que existe propriamente ali, mas também um certo significado de coisas que estiveram por lá e agora pairam como vestígios. Ele encontra a forma desses bichos e pessoas nos pedaços de árvore. Os bichos são árvore e as árvores são bichos. Como se eles compartilhassem alguma essência em comum. O passado surge nas figuras do presente, em um tempo em que nada consegue nos abandonar.

Notas

¹ Rodrigo Naves: “Natureza e expressão” em Naves, R., *José Bezerra: esculturas*. São Paulo: Galeria Estação, 2010.

² Ovídio: *Metamorfoses I*, 452-567 (tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho), em <http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfosesovidio-raimundocarvalho.pdf> (acessado pela última vez em 9/5/2015).



Sem título, 2014

Madeira

43 x 21 x 12 cm



Sem título, 2014
Madeira
58 x 30 x 16 cm

Sem título, 2014
Madeira
113 x 63 x 38 cm





Sem título, 2013
Madeira
23 x 40 x 47 cm

Sem título, 2011
Madeira
57 x 13 x 16 cm





Sem título, sem data
Madeira
62 x 20 x 60 cm



Sem título, 2014
Madeira
60 x 50 x 13 cm



Sem título, sem data

Madeira

36 x 13 x 60 cm



Sem título, sem data

Madeira

36 x 120 x 42 cm



Sem título, 2014
Madeira
30 x 45 x 15 cm



Sem título, 2014
Madeira
37 x 21 x 10 cm

Banco tamanduá, sem data
Madeira
15 x 98 x 22 cm

Sem título, 2008
Madeira
72 x 35 x 45 cm







Sem título, 2014

Madeira

30 x 60 x 47 cm



Sem título, 2014

Madeira

40 x 35 x 24 cm



Sem título, 2014
Madeira
 $25 \times 50 \times 33$ cm

Sem título, sem data
Madeira
 $72 \times 52 \times 137$ cm







Sem título, 2008
Madeira
48 x 42 x 127 cm

Sem título, 2011
Madeira
38 x 24 x 78 cm





Sem título, 2011
Madeira
43 x 11 x 102 cm

Sem título, 2014
Madeira
22 x 36 x 14 cm

It was in 2008, the very first time we exhibited José Bezerra, a Brazilian artist born in Vale do Catimbau, in the state of Pernambuco. We have been following his consistent artistic footsteps ever since.

Nothing is easy in the place he comes from. Life is hard. And I think that only art can hold the joy in this energetic man, who is always ready for any artistic expression.

He plays his “berimbau” music instrument, composes his own songs, dances to his so called “family”, comprised of sculptures stuck on the ground in his small farm.

His inspiration comes from the earth. It is from the earth, from dead tree branches that he gives birth to figures perceiving them even before he starts sculpting them. His intervention is subtle and transforming!

To visit him is always a renewed emotion. There, where nature is so lush, one can talk to God...

It is indeed true, that Bezerra is and will always be a great artist. His intuition, perceptiveness and creative vision make him what he shows us in this exhibition. He is close to a minimalist, and I hope this particularity always sticks to his artwork.

My dearest Tiago Mesquita, who curates the exhibition, has accepted this mission with great joy. He is one of many who admire Bezerra’s talent.

All the artworks presented in this exhibition are unpublished. We are very happy to show them. I hope you are happy to see them.

We will enjoy them together.

1

José Bezerra sculpts in trunks and fallen branches. Torpid materials that otherwise would deteriorate. Bezerra nevertheless, sees in these crooked branches the shapes of animals and other figures. It is the resemblance with such figures what leads the artist to choose the materials. He sees something in the branches even before he begins to work. Incidentally, it is what he sees in the plant that triggers him to get started. Thus, the shape is not the end of the process, but the quality of the stump in itself.

Therefore, the incisions cannot take away the design presented in the material. Bezerra does little; he cleans the branch, takes away all the distractions, makes incisions and enhances the appearance of the animal he already saw. Slots need to be minimal enough for the branch to take the animal feature, without being any longer firewood.

How best describes the art critic Rodrigo Naves, Bezerra performs a “rude and parsimonious intervention” on the branches. They are short and harsh notches. These notches also give a brittle and irregular appearance to the material surface. As if the skin revealed that a lot happens in the inside. Nothing there is pacified.

Often his slot is confused with the very veins and cracks of wood. Although it seems animal, the trunk does not lose its vegetal quality. Fallen material also is no longer tree and begins to take on another aspect. The artist figures one thing becoming another. Not another branch, but still not an animal.

2

It is not the first time that culture describes the transformation of vegetal in animal or vice versa. Oral narratives, as mythologies, tell similar stories about animals to take the feature of plants, people converted to tree, tree that became animal.

In Ovid's *Metamorphoses* (8 AD), human becomes vegetal, animal and mineral. The Latin author narrates the beginning of things from the changing nature of beings. One of the best-known poem myths, and most represented in art, is the impossible love of god Apollo for the nymph Daphne. Rejected, he pursues her to declare his love. The nymph repulsed by the deity, flees him. Feeling harassed, she asks her father to save her, and so he transfigures her by making her lose the look of a beautiful nymph to become a laurel.²

When the poet describes the modification, he tells how the soft rounded spry body, in an instant becomes husky, rough and crude. All what once was smooth skin hardens. The fast feet are converted into lazy roots; the heat of the skin is replaced by the coldness of the wood, averse to the sensual contact of the bodies. The tree finally manages to get the disgust indifference.

In the myth a living organism becomes another. The body that was once described as lively, soft, full of movement becomes lifeless, stiff and static by the transformation. Something of life is lost. In the sculpture made for the narrative by Gian Lorenzo Bernini, the volume also loses vigor as it becomes vegetal. The rough stone to represent the log of wood replaces the soft glow of polished marble. The surface dims as it is overridden by the rough unpolished stuff.

The work of José Bezerra, like that of Bernini, figures a body from one state going to another. Nothing, however, could be more different. In the Italian sculpture, although Daphne still has the appearance of a woman, she is covered by a spiral smooth bark that gives her a hybrid nature: human and vegetal. Everything happens in a gentle and orderly manner. The direction in which the wood grows is the same of the twist of the character's body. The sculpture imprints a continuous rhythm.

For José Bezerra there is no softness in moving from one state to another. His figures sprout in the wood as if they force to leave. In fact, as vegetal, they spring up there. They need to break the seed and no longer be what they were so as to begin to be identified with something else. The process is not without difficulty. The branches imply the figures, but they seem not to be confused with them. In many ways, it shows up the core of the artwork: the material to take certain shape.

In this exhibition, for example, we have at least two types of relation of matter with form. There are two types of sculpture. The first is the group of sculptures where wood has a format that suggests the figure of the animal. However gross the woods, the similarity to a bird, a cat, a fish, an armadillo is undeniable. They share the same characteristics. Are winding like snakes, have beak like birds, ears like cats.

The other sculptures do not have the body designed as any animal. Most of these have the aspect of a regular trunk as base. The top part expands and shows a more irregular appearance. The figure comes from there. As if from one end was to emerge an animal. It may be the head of a pig that appears at the end of a twig, a sheep trying to get out of the cylinder trunk or an armadillo that squirms trying to drag a curved stick.

In this case, the trunk does not have the same format as the animal. Parts of its body are announced here and there. He seems to try to get out of a more regular and compact volume with much effort. Perhaps these works are simply the most visible way to show the appearance of the figures in José Bezerra's sculptures.

Although the artist always speaks about the facility that he has to find the configuration of the different beings in the material, the way he carves shows these beings to emerge from tortuous manners. Thus, both the branches and the animals get wild, angry features. The work speaks of animals living in a hostile nature.

The most telling index of the effort that the animals make to stop being inert matter and show up as figure is attested by their facial expression. In a large number of sculptures, I believe that through the way the twigs are worked by Bezerra, the figure's head looks up, diagonally, as if trying to drop the rest of the body. The direction is commonly opposed to the base of the stump; the figure stands as if to curve it.

From there, figures appear with stiff neck, wide eyes, stretching. The snout is long, disproportionate to the rest of the head and much

thinner than the rest of the trunk. In some works, the animal's mouth is open and denounces its pushing.

In a beast resembling an alligator, the upper part is opposed to the volume top. The sculpture's foot is thick, compact, heavy. The face is long and thin. It does not seem possible for an animal to emerge from there. Not surprisingly, he has the desperate look, of what will not be anything but a static and fossilized animal volume.

Furthermore, how these animals are related to fossil! They look like someone who saw death approaching, the gaze fixed on nowhere. Sometimes the represented animals are older than the wood itself. They arise in them as the manifestation of a memory of earlier times to what is old.

José Bezerra is from Catimbau Valley, a place where the signs of the past come from far away. The evidence from a remote occupation of the territory is on the petroglyphs on the rocks, on the worn-out paths and in a dry nature, twisted and beautiful. Lots of things have been there, a lot of people and animals. In the images we find more fossils, remnants of a time that has passed, more than the present in it.

José Bezerra takes advantage of the nature of Catimbau Valley to do his work. Things that exist there, but also a certain significance of things that once were there and hover like traces. He finds the shape of these animals and people in the pieces of trees. The animals are trees and the trees are animals. As if they shared some essence in common. The past emerges in the present figures at a time when nothing can abandon us.

¹ Rodrigo Naves: "Natureza e expressão", in Naves, R., *José Bezerra: esculturas*. São Paulo: Galeria Estação, 2010.

² Ovídio: *Metamorfoses I*, 452-567 (translation by Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho), in <http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfosesovidio-raimundocarvalho.pdf> (last accessed in 5/9/2015).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

José Bezerra 2015

Galeria Estação
Diretores
Vilma Eid
Roberto Eid Philipp

Curadoria
Tiago Mesquita

Textos
Tiago Mesquita
Vilma Eid

Produção e desenho gráfico
Germana Monte-Mór

Secretaria de produção
Giselli Mendonça Gumiero
Rodrigo Casagrande

Fotos
Germana Monte-Mór
João Liberato página 13

Revisão de texto
Otacílio Nunes

Assessoria de imprensa
Pool de Comunicação

Impressão e acabamento
Lis Gráfica

José Bezerra : escultura / textos e curadoria
Tiago Mesquita, Vilma Eid ; [versão de textos
para o inglês Maria Fernanda Mazzuco]. --
São Paulo : Galeria Estação, 2015.

"Exposição abertura 09 de junho - Galeria Estacao."
Edição bilíngue: português/inglês.

1. Arte - Exposições - Catálogos 2. Bezerra, José, 1952- 3. Escultores - Brasil 4. Escultura brasileira I. Mesquita, Tiago. II. Eid, Vilma.

15-04406

CDD-730

Índices para catálogo sistemático:

1. Esculturas : Artes plásticas : Exposições :
Catálogos 730

Capa	Folha de rosto
Sem título, 2014	Sem título, 2011
Madeira	Madeira
37 x 63 x 35 cm	43 x 16 x 17 cm



